

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS

CURSO DE LETRAS

MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

WILLIAN ROLÃO BORGES DA SILVA

ENTRE *BIOS* E ESPECTROS: (des)arquivando as colunas femininas de

Clarice Lispector

Campo Grande – MS

Agosto – 2015

WILLIAN ROLÃO BORGES DA SILVA

ENTRE *BIOS* E ESPECTROS: (des)arquivando as colunas femininas de

Clarice Lispector

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, na área de concentração Teoria Literária e Estudos Comparados, pela linha de pesquisa Literatura e Memória Cultural, sob orientação do Prof. Dr. Edgar César Nolasco.

Campo Grande – MS

Agosto – 2015

WILLIAN ROLÃO BORGES DA SILVA

ENTRE *BIOS* E ESPECTROS: (des)arquivando as colunas femininas de

Clarice Lispector

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Edgar César Nolasco (Orientador/Presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Prof. Dr. Marcos Antonio Bessa-Oliveira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Profa. Dra. Vânia Maria Lescano Guerra
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profa. Dra. Angela Maria Guida (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Profa. Dra. Márcia Gomes Marques
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de
Linguagens (UFMS)

A Irene Silva Rolão (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

É neste momento que a linguagem falha, pois como poderia dar conta de representar a gratidão que tenho por todos que me ajudaram a chegar até aqui? Não consegue, mas mesmo assim a tentativa é necessária.

Agradeço a minha família que sempre me apoiaram incondicionalmente. Agradeço a Maria Lúcia e Nelson, meus pais. Aos meus irmãos, Wellen e Wellington.

Sou muito grato aos meus amigos por sempre acreditaram em mim, mesmo quando eu duvidava. Minha gratidão a Alline, Ariana, Carla, Juliana, Júlio César.

Muito obrigado a Camila, Eduavison e Francine. Meus amigos do NECC, meus pares, com quem dividi preocupações e alegrias, bem como quartos de hotéis. Ajudaram-me a construir essa dissertação.

Agradeço às professoras Dra. Vânia Maria Lescano Guerra e Dra. Angela Maria Guida pela leitura cuidadosa e carinhosa de meu trabalho de qualificação.

Agradeço à CAPES, pela bolsa a mim concedida no decorrer destes dois anos.

Agradeço ao NECC e aos muitos neccenses que passaram pelo grupo de pesquisa durante o desenvolvimento de minha pesquisa.

Por fim, meu muito obrigado ao professor Dr. Edgar César Nolasco por me ter conduzido até aqui. Obrigado pelo carinho e dedicação empreendidos durante minha orientação.

RESUMO

Minha pesquisa tem como propósito fazer uma leitura crítica da produção jornalística da escritora Clarice Lispector que, por necessidade financeira, manteve colunas femininas em jornais nas décadas de 50 e 60, assinando-as com pseudônimos. Assim, Lispector foi Tereza Quadros, Helen Palmer e *ghost writer* de Ilka Soares. A escritora utilizou um pseudônimo em cada jornal que trabalhou, a saber: *Comício*, *Correio da manhã* e *Diário da noite*. Duas coletâneas dessas colunas femininas foram publicadas recentemente. Coube a Aparecida Maria Nunes a organização de ambas, intituladas de *Correio feminino* (2006) e *Só para mulheres* (2008). Buscarei diferenciar essas três fases, além de relacionar a noção de momento biográfico a essas produções, visando, desse modo, identificar os momentos em que aspectos biográficos vêm à tona e acabam sendo publicados nas colunas. O (des)arquivamento de itens das colunas também é foco da minha dissertação, por isso busquei (des)arquivar as amizades que emergem das colunas. Por meio da amizade, pode-se vislumbrar o modo como Lispector produziu suas colunas. Ademais, procurei compreender de que forma o trabalho como colunista pode ter alterado ou contribuído com a produção literária da ficcionista, para isso relatei textos das colunas com outras produções da escritora. Os estudos da crítica biográfica e os estudos pós-coloniais são os aportes teóricos em que minha leitura está fundamentada. Tais estudos são importantes, uma vez que a partir deles me inseri como sujeito que participa do estudo e marquei o lócus em que meu estudo é produzido.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Colunas femininas; Crítica biográfica; Estudos Pós-coloniais.

ABSTRACT

My research has as purpose to do a critical reading of journalistic production writer Clarice Lispector who, by financial need, maintained female columns on the newspapers in the 1950s and 1960s, signing them with pseudonyms. Thus Lispector was Tereza Tables, Helen Palmer and ghost writer of Ilka Soares. The writer used a pseudonym in each newspapers she has worked on, known as: *Comício*, *Correio da manhã* and *Diário da noite*. Two collections of these female columns were recently published. It fell to Aparecida Maria Nunes the organization of both, entitled *Correio feminino* (2006) and *Só para mulheres* (2008). I will seek to differentiate these three phases, in addition to relate the concept of biographical moment for these productions, in order to identify the moments in which biographical aspects come to the fore and end up being published in the columns. The (des)archiving items of columns is also a focus of my dissertation, so I sought (des)archive the friendships that emerge from the columns, through the friendship we can discern how Lispector produced its columns. I also understand that the work as a columnist might have changed or helped with the literary production of the fictionist's invention are developed, for this, I have related texts of columns with other productions of the writer. The studies of biographical review and post-colonial are the theoretical contributions that my reading is substantiated by, such studies are important, since that from them I entered as a subject that is taking part in the study and scored the locus in which my study is produced.

Keywords: Clarice Lispector; Female columns; Biographical review; Post-colonial studies.

Bem sei que uma das qualidades de um ator está nas mutações sensíveis de seu rosto, e que a máscara as esconde. Por que então me agrada tanto a ideia de atores entrarem no palco sem rosto próprio? Quem sabe, eu acho que a máscara é um *dar-se* tão importante quanto o *dar-se* pela dor do rosto. Inclusive os adolescentes, estes que são puro de rosto, à medida que vão vivendo fabricam a própria máscara. E com muita dor. Porque saber que de então em diante se vai passar a representar um papel é uma surpresa amedrontadora. É a liberdade horrível de não ser. E a hora da escolha.

LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 80.

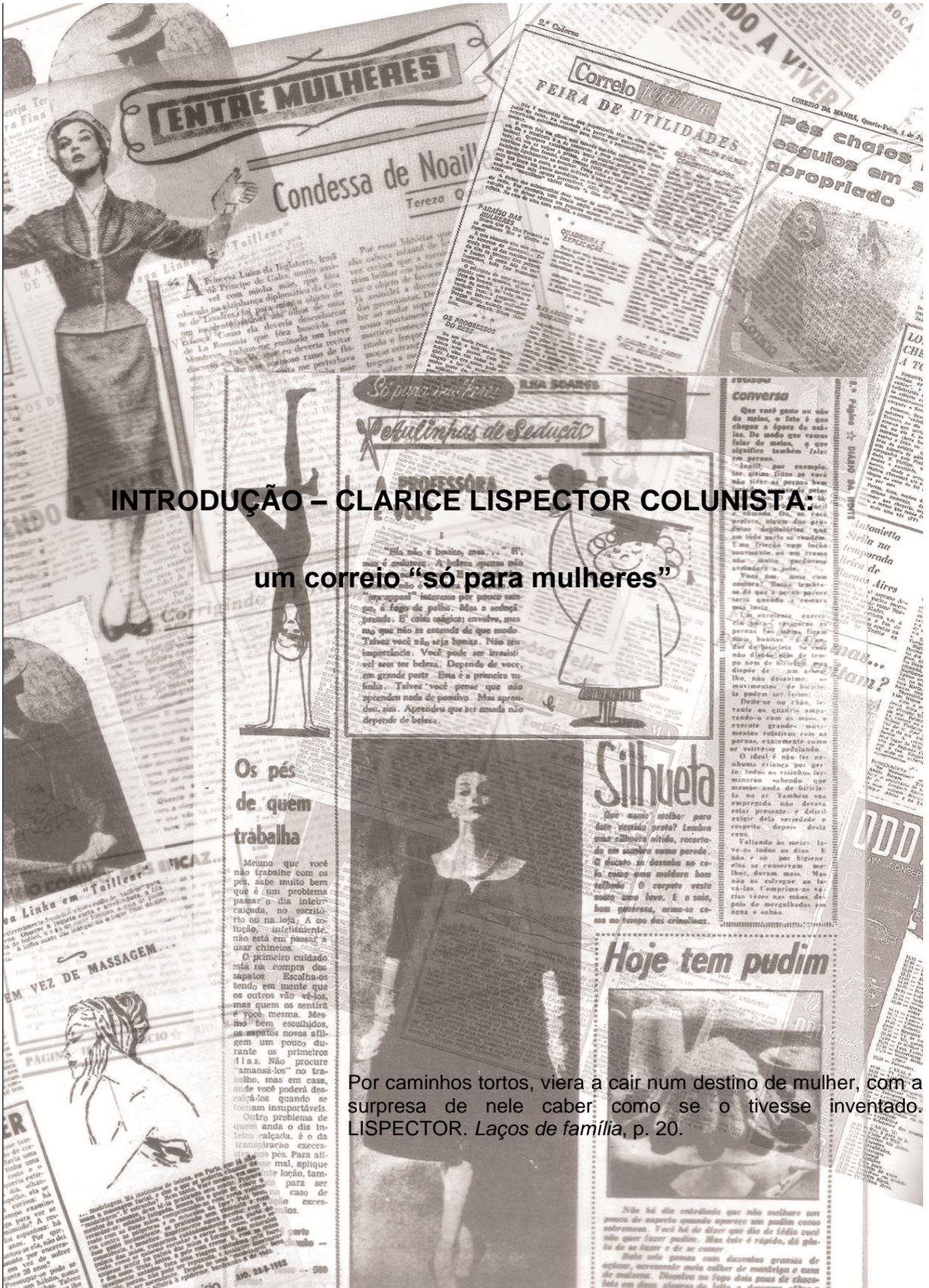
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – CLARICE LISPECTOR COLUNISTA: um correio “só para mulheres”	10
1. – CLARICE LISPECTOR NAS COLUNAS FEMININAS: a presença do <i>bios gráfico</i>	16
1.1 – Crítica biográfica e a construção de pontes metafórica entre vida e obra	17
1.2 – Conversa puxa conversa: as sensibilidades locais e biográficas.....	23
1.3 – Entre agonismos e fraternidades: as amigas das colunas femininas	30
1.4 – A assinatura, espectros e o reaparecimento de Terezas, Helens, Ilkas e Clarices	35
2. – ESCREVENDO POR DETRÁS DE MÁSCARAS: Clarice Lispector e seu “Correio feminino”	42
2.1 – Três <i>personae</i> de Lispector nos jornais	43
2.1.1 – Tereza Quadros: desobedecendo padrões	45
2.1.2 – Helen Palmer e as leitoras esclarecidas	49
2.1.3 – Ilka Soares: uma conversa de mulher para mulher	54
2.2 – Uma conversa só para mulheres: sedução, moda e disfarces femininos	59
2.2.1 – Amavios e sedução: encadeamento de seres seduzidos	64
2.2.2 – A presença de recortes e colagens de moda nas colunas femininas	73
2.3 – Entre baús e momentos biográficos	76
2.3.1 – Uma receita de como escrever de Clarice Lispector	82
2.3.2 – Uma relação de “Amor” nas colunas femininas de Clarice Lispector	92
2.3.4 – Mulheres angustiadas: apresentando Ana, Judith e as leitoras	97
2.3.5 – Clarice Lispector em duas versões de “Correio feminino”	105
3. – (DES)ARQUIVANDO AS COLUNAS FEMININAS DE CLARICE LISPECTOR	112

3.1 – Colunas femininas: uma amizade “entre mulheres”	122
3.2 – (Des)arquivando espectros	126
3.3 – Clarice Lispector em genealogias de uma amizade	136
3.4 – Para que serve um amigo: o uso político das amigas.....	147

4. – CONCLUSÃO – UMA PALAVRA DE CLARICE LISPECTOR	167
-------------------------------------------------------------------	------------

5. – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
----------------------------------------------	------------



INTRODUÇÃO - CLARICE LISPECTOR COLUNISTA.
um correio “so para mulheres”

ENTRE MULHERES

Condessa de Noailly
Tereza O...

Por essas histórias que não cabem infanti de vez coram que a coram brilho em toda a ser o objeto de favora a assimilar a des das governantas. De ház as andar sup novo apartamem matrio comec moças e freap troques a no abar m

Correio Pátrio
FEIRA DE UTILIDADES

... e mostrou que se oportuno...
... e mostrou que se oportuno...
... e mostrou que se oportuno...

Pés chatos e esgulos em sapatos apropriado



Se pensa malharia
Reculinhas de Sedução

... Ela não é bonita, mas...
... Ela não é bonita, mas...
... Ela não é bonita, mas...
PROFESSORA
PLAGE

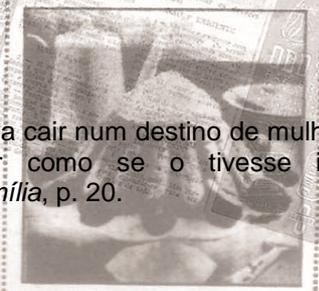
Os pés de quem trabalha

Mesmo que você não trabalhe com os pés, sabe muito bem que é um problema passar o dia inteiro caída, no escólio ou na loja. A solução, infelizmente, não está em passar a usar chinelos. O primeiro cuidado está na compra dos sapatos. Escolha-os tendo em mente que os outros vão velos, mas quem os sentirá é você mesma. Mesmo bem escolhidos, os sapatos novos afligem um pouco durante os primeiros dias. Não procure "amansá-los" no trabalho, mas em casa, onde você poderá descalcá-los quando se tornam insuportáveis. Outro problema de quem anda o dia inteiro caída, é o da transpiração excessiva nos pés. Para aliviar esse mal, aplique uma loção, também para ser usada nos dias de excesso.

Silhueta

... Não há dia em que não me dê um pouco de aperto quando aparece um pudim como sobressela. Você há de dizer que dia de hoje você não quer fazer pudim. Mas hoje é rápido, dá gosto de se fazer e de se comer.

Hoje tem pudim



Não há dia em que não me dê um pouco de aperto quando aparece um pudim como sobressela. Você há de dizer que dia de hoje você não quer fazer pudim. Mas hoje é rápido, dá gosto de se fazer e de se comer.



... a Linka em "Tailleur" ENCAZ...
... a Linka em "Tailleur" ENCAZ...
... a Linka em "Tailleur" ENCAZ...



Consta dos estudos biográficos acerca da escritora Clarice Lispector que a intelectual sempre tivera um pé na imprensa. Com base nessa informação, é interessante rastrear tal experiência com a finalidade de postular como essa vivência de papéis, *personae* e funções corroborou o retrato biográfico-ficcional da escritora. Para tanto, é necessário pontuar as máscaras e perfis criados em torno desse mundo da mídia, bem como refazer, pelo menos em parte, a trajetória da jornalista Clarice Lispector.

Sobre o início da carreira jornalística, a biógrafa da escritora, Nádya Battella Gotlib, afirma que ela trabalhou como redatora na Agência Nacional, já quando era estudante da Faculdade de Direito, por volta de 1940, iniciando uma atividade jornalística que terá continuidade ao longo de toda a sua vida, ainda que com interrupções. De acordo com Gotlib, a jovem jornalista trabalha, primeiramente, como tradutora, passa, em seguida, para a reportagem, sendo transferida, posteriormente, para o jornal *A Noite*, onde exerce a função de repórter.

A biógrafa informa que o primeiro registro profissional da escritora como jornalista deu-se em 2 de março de 1942, quando Lispector tinha acabado de completar 22 anos. Dessa forma, a autora foi uma das primeiras repórteres brasileiras, cercada por intelectuais ilustres da época, como Lúcio Cardoso, Antonio Callado, Francisco de Assis Barbosa, entre muitos outros.

Aparecida Maria Nunes, estudiosa que se dedicou à trajetória da escritora na imprensa brasileira, no livro *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, declara ter ficado surpresa por causa das múltiplas funções que a autora desempenhou em seu período nos jornais, são elas: cronista, tradutora, repórter, entrevistadora e colunista de página feminina. Apesar das várias funções desenvolvidas na imprensa brasileira, a escritora, segundo Nunes, não se

considerava jornalista nem muito menos gostava de atuar na imprensa. É o que nos revela Nunes por meio do seguinte comentário:

Clarice Lispector vale a pena lembrar, não se considerava jornalista nem gostava de atuar na imprensa. Seu grande desejo sempre foi o de se dedicar integralmente à literatura. O trabalho em jornalismo servia basicamente para a subsistência da ficcionista. Contudo, ela estava sempre presente nas páginas dos periódicos. E com produção de interesse, por vezes criativa e instigante. Mostrava-se ali, portanto, uma outra Clarice que merecia nossa atenção.¹

Aparecida Maria Nunes pontua que a atividade da intelectual na imprensa brasileira não se deu de forma isolada de sua vida de escritora. De acordo com Nunes, desde os anos quarenta, lembrando que o primeiro livro de Clarice é de quarenta e três, até os anos 76 e 77 (a escritora faleceu em 77), ela não só teve um pé na imprensa, como teve uma produção intensa na mesma.

O curioso é observar que Nunes reconhece em tais páginas jornalísticas uma Clarice que tentava se comunicar com outro tipo de público, por conseguinte, uma Clarice também diferente. Na década de 50, por exemplo, muitos dos textos publicados pela escritora nas páginas da imprensa, como a Revista *Senhor*, resultaram no livro de contos *Laços de família* (1960). Vários amigos jornalistas ou escritores, por toda a vida de Lispector, acolheram-na nesse meio, como acontece com o jornalista Alberto Dines no *Diário da noite* (1960 e 1961) e no *Jornal do Brasil* (1967 a 1973), o que amplia as perspectivas de sua atuação pela mídia impressa.

Entre as várias Clarices que atuaram na imprensa, merece destaque a que dedicou muitas páginas em torno da mulher, isto é, do feminino, principalmente porque, em decorrência desse trabalho, a escritora muitas vezes se travestiu de outra *persona*, de outro pseudônimo. Não por acaso ela foi, num determinado período de sua vida, Tereza Quadros, noutro Helen Palmer e noutro ainda Ilka

¹ NUNES. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, p. 23-24.

Soares. Nota-se que tais pseudônimos e nomes contribuíram, cada um a seu modo, para mascarar a faceta intelectual da escritora, já que, a cada vez que aparecia uma nova *persona*, de alguma forma aquela *persona* biográfica anterior era parcialmente desfeita.

Por todos esses fatos elencados, este trabalho tem como proposta fazer uma leitura da produção jornalística da escritora Clarice Lispector que, por necessidade financeira, manteve colunas femininas nas décadas de 50 e 60. Além disso, por sete anos, de 1967 a 1973, foi contratada do *Jornal do Brasil*, para o qual escrevia crônicas.

Um dos objetivos é observar as noções de momento biográfico apresentado por Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Para a autora,

A curiosidade literária, a midiática e a científica e, ainda, esses dois pólos arquetípicos da experiência – as vidas “célebres”, que são por isso emblemáticas e se tornam objeto de identificação, e as ‘comuns’, que oferecem uma imediata possibilidade de autorreconhecimento – confluíam dessa forma em nosso espaço, habilitando um olhar excêntrico sobre as novas maneiras como o biográfico se integra no horizonte da atualidade.²

Assim, existem três fases distintas dessa curiosidade midiática sobre os textos que Lispector produziu para jornais. Primeiro temos a não curiosidade midiática sobre as produções de Tereza Quadros e Helen Palmer. Apesar de serem produzidas por Lispector, as colunas não despertam muita curiosidade, já que as donas de casa não tinham ideia de quem eram as autoras que as escreviam. Na década de 60, como Ilka Soares a vida da colunista já interessava às leitoras, contudo, dessa vez, o interesse não recai de novo na vida de Lispector, mas na vida de Ilka.

² ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, p. 24.

Por fim, enquanto cronista do *Jornal do Brasil*, essa curiosidade recai pela primeira vez na vida da ficcionista, pois Clarice começa a assinar suas crônicas. E suas narrativas começam a ficar mais pessoais, tanto que em uma delas, comenta:

Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal.³

Desse modo, Lispector mesmo observa que acaba desvendando um pouco de sua vida em suas crônicas. Nas colunas de páginas femininas, igualmente se revelava, mas, como não assinava, não precisava se preocupar com a repercussão de sua produção. Logo, observa-se a diferença entre os dois períodos durante os quais Lispector trabalhou como colunista. Nas páginas femininas, como não assinava, o interesse não caía sobre ela, já assinando, Lispector começa a se preocupar com o fato de ser pessoal demais em suas crônicas.

Para alcançar os objetivos propostos, minha dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro “Clarice Lispector nas colunas femininas: a presença do *bios* gráfico” buscará discutir as principais noções teóricas que darão base para as reflexões apresentadas posteriormente. Desse modo, discutirá os estudos biográficos, a ideia de momento biográfico, a amizade e questões em torno de assinatura.

O segundo capítulo, intitulado “Escrevendo por detrás de máscaras: Clarice Lispector e seu ‘Correio Feminino’”, centraliza-se em leituras das colunas femininas de Lispector, abordará questões como sedução, os pseudônimos usados pela autora, o modo de construção das colunas, além de leituras que relacionam outras produções da escritora. Finalmente, o terceiro capítulo “(Des)arquivando as colunas

³ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 137.

femininas de Clarice Lispector” retomará noções discutidas no primeiro, como, por exemplo, a amizade, o arquivo, as sensibilidades biográficas. Ao mesmo tempo em que discuto a noção de arquivo apresentada por Derrida, faço um (des)arquivamento das colunas femininas. Para isso, tomo o baú de mascate como metáfora, por isso ao longo do capítulo vou retirando itens do baú e discutindo-os.



ENTRE MULHERES

Condessa de Noail

Tereza O...

Correio de Utilidades

FEIRA DE UTILIDADES

Pés chatos e esgulos em sapatos apropriado

Princesa Luísa de Tebaltera, irmã do Príncipe de Gales, muito amada com muitas mães, que já educada na diplomacia da Corte de Londres foi para estudar o ofício de diplomata em Dinos de Viena. Como ela deveria descomodar um pouco a sua vida em Viena, a rainha que já havia em Viena, também me ensinou um breve curso de francês, que eu deveria ensinar a ela, pois ela me perturbava...

Por essas histórias que não cabem no espaço de uma coluna, vamos voltar ao assunto principal, que é o objeto de trabalho da assidua das senhoras, a mulher moderna, que quer ser útil e agradável ao marido e aos filhos, e que também quer ser bonita e elegante.

Se pensa malharia

Reculhas de Sedução

A PROFESSORA É VOCÊ

... e também não é a beleza que conta. O "aparelho" interessa por pouco tempo, é feito de pólvora. Mas a sedução é eterna. É coisa sedutora, mas que não se entende de que se trata, mas que não se entende de que se trata, mas que não se entende de que se trata...



Conversa

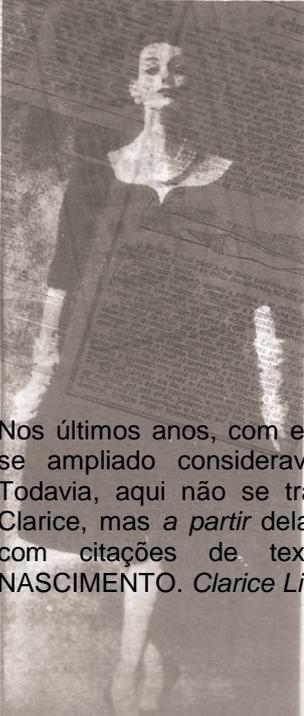
Que você goste ou não do marido, e isto é que chegou a época de avaliar. De modo que vamos falar do marido, e que significa também falar em termos...

Antonieta

Nesta na...

Os pés de quem trabalha

Mesmo que você não trabalhe com os pés, sabe muito bem que é um problema passar o dia inteiro caída, no escuro, na loja. A solução, infelizmente, não está em passar a usar chinelos. O primeiro cuidado está na compra dos sapatos. Escolha-os tendo em mente que os outros vão velhos, mas quem os sentirá é você mesma. Mesmo bem escolhidos, os sapatos novos afixam um pouco durante os primeiros dias. Não procure "amansá-los" no trabalho, mas em casa, onde você poderá descalçá-los quando se tornarem insuportáveis. Outro problema é quem anda o dia inteiro caída, é o da transpiração excessiva nos pés. Para aliviar esse mal, aplique uma pomada especial para ser usada nos pés. Em caso de transpiração excessiva, use talco.



Silhueta

Que não tenha para que você seja? Lembra que a silhueta nitida, recortada em um contorno bem definido. O ideal é não ter nenhuma cintura, mas se for impossível, todos os detalhes terminam sabendo que mesmo anda de silhueta no ar. Também sua expressão não deve estar presente e deve exigir dela seriedade e respeito, depois desta era. Vellando as vestes, elas não se preocupam com o corpo, mas com a silhueta. Não se preocupe com a silhueta, mas com a silhueta. Não se preocupe com a silhueta, mas com a silhueta.

Hoje tem pudim

Não há dia em que não tenhamos um pouco de pudim quando aparece um pudim como sobremesa. Você há de dizer que dia de hoje você não quer fazer pudim. Mas este é rápido, de gosto de suco e de se comer. Não há hoje grande coisa, dez vezes mais de pudim, acrescentando mais colher de manteiga e mais de manteiga. Dissolva no fogo de uma colher de chá em duas colheres de leite e duas colheres de...

1.1 – Crítica biográfica e a construção de pontes metafóricas entre vida e obra

Com o lançamento dos livros *Só para mulheres*, de 2008, e *Correio feminino*, de 2006, tornou-se possível observar a produção de Clarice Lispector enquanto colunista de páginas femininas.

Minha pesquisa está voltada exatamente para tais publicações e tem como base a crítica biográfica, mas também atenta para as contribuições dos estudos pós-ocidentais latino-americanos. Os dois livros foram organizados por Aparecida Maria Nunes. Neles há uma seleção dos textos que a ficcionista publicou em jornais, durante alguns anos das décadas de 50 e 60. Nesse período, Lispector trabalhou como colunista de páginas femininas.

Além desses dois livros, Nunes escreveu também *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, no qual faz um levantamento da trajetória da escritora nos jornais e, por fim, detém-se em como ocorreu sua chegada às páginas femininas e analisa as temáticas abordadas pela autora em suas colunas. Com base na leitura de alguns desses textos, podemos inquirir de que forma Clarice comunicou-se com suas leitoras, qual o teor de sua narrativa e de que maneira se relacionou com essa sua nova gama de leitoras.

De acordo com Aparecida Maria Nunes, nunca foi desejo de Clarice produzir esse tipo de coluna, mas, como enfrentava dificuldades financeiras, teve de iniciar sua história como colunista. Contudo Lispector não assinou nenhuma de suas colunas, sempre fez uso de pseudônimos, dessa maneira Clarice jornalista viveu três momentos diferentes: no primeiro, de maio a outubro de 1952, ela foi Tereza Quadros no jornal *Comício*, e durante este período escreveu 17 colunas. No

segundo, ocorre de agosto de 1959 a fevereiro de 1961, Clarice foi Helen Palmer, publicando os seus 128 artigos no jornal *Correio da manhã*. E, por último, foi *ghost writer* da modelo e atriz Ilka Soares, de agosto de 1960 a março de 1961.

Foi como Ilka Soares que Clarice Lispector mais produziu: ao todo foram 291 publicações no *Diário da noite*. A autora não queria assinar uma coluna feminina, pois na época as colunas que existiam eram consideradas, de acordo com Buitoni, simples e supérfluas demais para uma escritora como ela.

Algumas décadas depois de sua primeira experiência nos jornais, Clarice volta a escrever para estes veículos. Ela começa a contribuir para o *Jornal do Brasil*, escrevendo crônicas. Numa dessas crônicas, ela nega ter escrito páginas femininas, mas afirma ter recebido um convite. Tal crônica foi publicada em 8 de julho de 1968 e chamava-se “Mulher demais”. Nela a autora afirma que o convite não vingou, além disso, comenta que a coluna acabaria sendo feminina demais, o que claramente não é valorizada nem por homens nem por mulheres.

Neste primeiro momento, buscarei discutir questões acerca da crítica biográfica a partir de algumas páginas femininas. Tendo em vista que

a escrita funciona como o lugar onde Clarice deposita sua coletânea de lembranças e de saudades, de leituras alheias e do que delas sobrou, o inventário de ícones que ela faz de si mesma, uma bi(bli)ografia amorosa que foi sendo cuidadosamente confeccionada, retrabalhada nas crônicas.⁴

Apesar de Nolasco não comentar especificamente sobre as páginas femininas, acredito que posso transpor tal afirmação para as colunas de Lispector. Meu objetivo é traçar um diálogo entre os estudos da crítica biográfica, as pesquisas pós-ocidentais latino-americanas e as colunas femininas de Lispector.

⁴ NOLASCO. *Restos de ficção*: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector, p. 163.

Um dos objetivos da crítica biográfica e da minha pesquisa, é “(...) articular temas construídos nas obras com eventos pessoais e tentar, principalmente, enlaçar as múltiplas paixões que regem tanto a vida como a literatura.”⁵ Tomo as colunas femininas como texto de vida, que como literatura, uma vez que Clarice escreve amenidades do cotidiano, dicas, receitas e conselhos.

Seus textos são mais pessoais nesse sentido. Aos poucos, Lispector pode ir revelando alguns segredinhos de maquiagem, por exemplo. Seu lado ficcional, da mesma forma, aparece, já que alguns textos embrionários de futuros contos são publicados nas colunas. Além disso, a autora se mostra por meio da produção de páginas femininas baseadas nas leituras literárias, é o que acontece quando apresenta fragmentos ou comentários de textos de escritoras modernas.

Para traçar as relações entre vida e literatura empregadas pela crítica biográfica é empregado o método comparativo. Para Eneida Maria de Souza:

A crítica biográfica se apropria da metodologia comparativa ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho pródigo e assim por diante.⁶

Destacarei os temas comuns presentes nas colunas femininas, como, por exemplo, as amizades que se estabelecem por meio das produções, as sensibilidades femininas biográficas da escritora e de suas leitoras interagindo e possivelmente se influenciando. O método comparativo também propicia a busca por outras produções da escritora, nas quais os mesmos temas comuns, que aparecem nas colunas, estão presentes em contos e crônicas da escritora.

Desse modo, é possível perceber o quanto um tema pode ter contribuído com a produção da ficcionista, na medida em que diversos e diferentes textos o têm

⁵ SOUZA. *Janelas indiscretas*: ensaio de crítica biográfica, p. 13.

⁶ SOUZA. *Janelas indiscretas*: ensaio de crítica biográfica, p. 20.

como base inicial. Para exemplificar o afirmado, ao ler as páginas femininas “A irmã de Shakespeare”, “Mulheres cansadas” e o conto “Amor”, um tema destaca-se, a discussão sobre o lugar social legado à mulher em nossa sociedade⁷. Tal leitura deve ser cuidadosa para que não se torne uma leitura psicologizante, uma leitura voltada apenas para uma tentativa de se estabelecer uma relação direta entre os fatos da vida da autora e suas produções.

Não me debruçarei sobre *Correio feminino* e *Só para mulheres* para buscar encontrar, a cada nova coluna, revelações de Clarice sobre sua própria vida. Souza alerta que “a escolha do método biográfico impõe determinada disciplina e se afasta de aproximações ingênuas e causalistas operadas por adeptos da pesquisa biográfica como caça aos segredos e enigmas do texto.”⁸

A crítica biográfica também me é cara, pois propõe:

a leitura e a releitura desses documentos históricos como também sua reformulação por meio de novas possibilidades teórico-críticas. E, ainda, as leituras que se detêm nos “pequenos” textos (...) deixados em estado de alienação pela crítica tradicionalista.⁹

O estudioso Marcos Antonio Bessa-Oliveira, em *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*, aponta que por meio da crítica biográfica textos menores têm a oportunidade de serem olhados atentamente. Em outras teorias, as colunas femininas não entrariam em pauta, uma vez que não se tratam de literatura. Já a crítica biográfica se interessa por esses textos, pois eles podem jogar nova luz sobre toda a produção literária de seus autores.

Ao ampliar o meu foco de estudo, considerando a vida da escritora e as próprias colunas, consigo observar que por um período, nas décadas de 50 e 60, o

⁷ Os três textos serão mais bem abordados nos capítulos seguintes.

⁸ SOUZA. *Janelas indiscretas: ensaio de crítica biográfica*, p. 9.

⁹ BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*, p. 64.

trabalho da escritora no meio midiático era um modo de subsistência, como ocorre posteriormente quando ela trabalha para o *Jornal do Brasil*.

A crítica biográfica possibilita desfazer certos dualismos, principalmente a relação entre vida e ficção no fazer literário. Por meio desta corrente de estudos e das próprias colunas femininas de Lispector, noto como esses campos se relacionam e se entrecruzam. Para Souza, “o importante nessa relação é considerar os acontecimentos como moeda de troca da ficção, uma vez que não se trata de converter o ficcional em real, mas em considerá-los como cara e coroa dessa moeda ficcional.”¹⁰ É possível observar como esses dois polos são colocados em diálogo nas colunas de Lispector, sobretudo em duas páginas intituladas “Baú de mascate”.

No momento em que a vida do escritor contribui para a leitura de sua produção, outro dualismo é questionado, o público e o privado. No ensaio “Janelas indiscretas”, Eneida Maria de Souza comenta a morte da princesa Diana, figura midiática da época. Para a crítica, “A distância entre o povo e a princesa, separação que aumentava seu poder e sedução, se desfaz durante o rito funerário pela conjunção imaginária entre a multidão e o corpo em exposição.”¹¹

Algo extremamente íntimo como um enterro tornou-se o foco da mídia e da população, um corte com a separação entre os dois campos ocorreu. Da mesma forma nas colunas femininas isso ocorre quando Clarice Lispector torna-se Ilka Soares. A estrela passa a ficar mais próxima das donas de casa. Assim, na produção da coluna feminina de *Diário da noite*, a separação entre público e privado é questionada, o que ocorre na coluna corrobora a seguinte afirmação de Leonor Arfuch:

¹⁰ SOUZA. *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica, p. 21.

¹¹ SOUZA. *Janelas indiscretas*: ensaios de crítica biográfica, p. 29.

(...) poderíamos dizer que ambos os espaços – se conservarmos uma distinção operativa – se entrecruzam sem cessar, *numa e noutra direção*: não só o íntimo/privado sairia de seu caminho invadindo territórios alheios, mas também o público (...) poderia recuar, de maneira insondável, sob a mesma luz da superexposição.¹²

Desse modo, para a escritora argentina, o espaço público estaria sendo inundado por conteúdos considerados privados, como, por exemplo, a diversidade atual de *reality shows*, enquanto que conteúdos considerados públicos poderiam estar fugindo de uma exposição exagerada. O que se nota, a partir desses apontamentos, é que limites “pré-existentes” sobre tais polos estão sendo enfraquecidos, ao que parece, cada vez mais, fica difícil a sustentação desses tipos de dualismos. Então, não se pode definir de maneira confortável e sem erros o que seria do privado e do público ou o que seria da vida e da ficção.

Além de tentar evitar esses dualismos, a crítica biográfica não se restringe apenas à elaboração de uma leitura em que apenas o aporte teórico e o objeto de “análise” são levados em consideração, no momento da pesquisa. A crítica biográfica também adiciona o pesquisador/ estudioso nessa equação, dessa forma, não é apenas a vida do escritor, artista, intelectual que entram na discussão, o autor do estudo fará parte dele.

Eneida Maria de Souza defende uma crítica biográfica, na qual “o próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso e personagem de uma narrativa em construção.”¹³ Esse posicionamento, para a pesquisadora, questiona o modelo de análise de certas correntes teóricas que não levam em consideração a vida do produtor do texto, muito menos a atividade teórica do autor da pesquisa. Segundo Souza, “A atividade crítica seria (...) uma das formas modernas da autobiografia,

¹² ARFUCH. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea, p. 96.

¹³ SOUZA. *Crítica cult*, p. 105.

considerando-se que o sujeito escreve sua vida quando pensa estar narrando suas leituras.”¹⁴

É a partir desses apontamentos que minha dissertação será construída. Destaco a importância da crítica biográfica neste trabalho, por ser Clarice Lispector, autora que escreve no limiar entre a vida e a ficção, a escritora que elegi para minha pesquisa. Tal afirmação será comprovada pela fortuna crítica de sua autoria, que usarei no decorrer desta dissertação.

1.2 – Conversa puxa conversa: as sensibilidades locais e biográficas

Esta seção aborda as sensibilidades biográficas presentes nas colunas femininas de Lispector. De acordo com Nádia Battella Gotlib, a escrita de Clarice Lispector tem um caráter biográfico. Para ela, a escritora, “Embora afirme que quer escapar das memórias, não escapa. E escreve textos biográficos justamente quando afirma que não quer desempenhar esse papel.”¹⁵

A própria Clarice afirma: “eu não quero contar minha vida para ninguém (...) não pretendo jamais publicar uma biografia.”¹⁶ Corroborando o que a biógrafa comenta, Lispector, apesar de declarar não querer revelar-se, termina por contar a própria vida em seus contos e romances. Para Nolasco, “podemos dizer que Clarice escreve nesse limiar entre a vida e a ficção, ou seja, tanto uma quanto a outra contribuem de formas diferentes mas complementares com seu projeto literário.”¹⁷

¹⁴ SOUZA. *Crítica cult*, p. 121.

¹⁵ GOTLIB. *Clarice: uma vida que se conta*, p. 119.

¹⁶ LISPECTOR *apud* GOTLIB. *Clarice: uma vida que se conta*, p. 119.

¹⁷ NOLASCO. *Restos de ficção: a criação biográfico-cultural de Clarice Lispector*, p. 61-62.

Defendo que as colunas escritas por Lispector não são diferentes de seus contos e romances em dois sentidos: no sentido de serem biográficos e de apresentarem diálogos com outros autores. Para exemplificar este caso, cito a página feminina “A irmã de Shakespeare”, publicada no semanário *Comício* em 22 de maio de 1952. Essa página nada mais é do que um comentário de Lispector sobre um trecho de *Um teto todo seu* de Virgínia Woolf. O texto basicamente questiona o papel social da mulher, esta sempre dependente do homem.

Além disso, observamos a reflexão da intelectual Woolf presente em uma página feminina. A coluna de *Comício* já se diferencia das demais, visto que as colunas femininas em geral eram consideradas pobres e sem imaginação. Neste caso, em particular, não se trata apenas da presença de Woolf nas páginas femininas, mas também do conteúdo reflexivo do texto. Para Nunes, “Ao inserir o discurso de outrem, Tereza ou Clarice tem em vista a leitora. Está preocupada em passar uma mensagem que se transforme em consciência, que fale mais fundo que os segredos do tira manchas ou do assado.”¹⁸

Assim, Lispector mostra sua preocupação em relação às suas leitoras, sua sensibilidade individual e seu *bios* influenciam as sensibilidades de suas leitoras. Lispector conhece as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, não só no âmbito social, como também no familiar. Lispector observa que seria produtiva a abordagem desse tema, no momento em que assume uma coluna em que seu público-alvo é exatamente as mulheres.

Comentei a pouco sobre sensibilidade individual, mas o que viria a ser isso? Tal expressão é apresentada por Walter Mignolo em *Histórias locais/ Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar, quando o autor

¹⁸ NUNES. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, p. 187.

discute as questões de vivências pessoais. Vejamos o que o autor comenta sobre a expressão, “As sensibilidades não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos (...)”¹⁹ Dessa maneira, elas seriam algum tipo de vivência, algo dinâmico, passível de mudanças, construídas ao longo da vida. Uma sensibilidade construída pode ser o lugar em que muitas mulheres ocupam, sujeitas aos seus maridos.

A sensibilidade a que me refiro é e sempre foi construída, as leitoras da coluna estão sob essa construção, mas, ao se depararem com “A irmã de Shakespeare”, ela pode ser destruída ou iniciar-se um processo que leve a essa destruição. A ficcionista e a própria Woolf, no texto base da coluna, nos mostram de que maneira acontece a produção intelectual feminina “em meio a circunstâncias adversas, decorrentes principalmente da formação educacional diferenciada entre homens e mulheres e dos papéis sociais atribuídos aos sexos.”²⁰

De acordo com Mignolo,

a crescente força que ganham as ideologias forjadas em torno das questões de gênero sexual e de sexualidade, mantém sem dúvida a necessidade de um pós-ocidentalismo como horizonte, de onde as repressões produzidas e advindas das expansões coloniais, justificadas nos ideais do renascimento (cristianização), da ilustração (civilização) ou de modernização (tecnologia e consumismo), podem se transcender.²¹

A partir dessa consideração de Mignolo, trago para a reflexão a discussão proposta por Lispector em “A irmã de Shakespeare” dentro da história mundial, principalmente quando se comenta a cristianização. Observamos os vestígios da cristianização iniciada durante a colonização, em que temos ainda a força da religião definindo as funções sociais de cada sexo. É justamente isso que Woolf discute na

¹⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, p. 264.

²⁰ NUNES. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, p. 185.

²¹ MIGNOLO. “*Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina*”, s.p. Tradução minha.

Inglaterra, e, por seu intermédio, Lispector está discutindo nas décadas de 50 e 60 em suas colunas femininas.

O estudioso considera que, para discutirmos tais questões, devemos ter sempre em mente os apontamentos dos estudos pós-ocidentais, principalmente, no meu caso, ao propor uma discussão a partir da América Latina.

Desejo ressaltar a importância da conversa em relação à produção de Clarice como colunista. Para tanto, utilizo os estudos de Mignolo e seu prefácio da edição brasileira de *Histórias locais/ Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. No texto, o crítico destaca a conversa como método de produção de conhecimento, é exatamente nesse sentido que podemos demonstrar como, por meio da conversa, conseguimos ter acesso a informações que outros meios não possibilitam. As considerações de Mignolo servem parcialmente para refletirmos sobre a atitude de Clarice de assumir e ao mesmo tempo não assumir sua produção de páginas femininas.

Primeiro vejamos o que afirma Mignolo sobre a conversa:

Não foram "entrevistas", apenas conversas, conversas informais. Embora inicialmente planejasse que essa pesquisa resultasse num livro, eu pretendia, sim, escrever artigos sobre uma série de questões que, como explico na Introdução, vieram à tona por volta de 1992. Tomei a decisão de adotar as conversas como método de pesquisa no primeiro semestre de 1994.²²

Defendo que o mesmo aconteceu com Affonso Romano de Sant'anna, Marina Colasanti e João Salgueiro, de forma quase que natural, ao "entrevistarem" Clarice Lispector. Apesar de ser uma entrevista, esta possuía um diferencial, foi Clarice que escolhera quem seriam seus entrevistadores. A entrevista ocorreu no Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1976.

²² MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar, p. 12.

Nesse momento, Clarice já era amiga de Sant'anna e de Colasanti, esta foi responsável por receber por alguns anos as crônicas que Clarice publicava no *Jornal do Brasil*. Uma amizade já estava construída e, por isso, tomo tal entrevista num sentido mais íntimo tanto para Clarice como para seus entrevistadores.

Destaco tal conversa porque é nela que Clarice verbaliza ter trabalhado como colunista de páginas femininas, algo que negara anteriormente em crônica publicada no *JB*. Em “Mulher demais”, de 8 de junho de 1968, Clarice nega o fato, comenta que até chegou a ser convidada mas que o trabalho acabou não acontecendo. Nas palavras de Clarice:

Uma vez me ofereceram fazer uma crônica de comentários sobre acontecimentos, só que essa crônica seria feita para mulheres e a estas dirigida. Terminou dando em nada a proposta, felizmente. Digo felizmente porque desconfio de que a coluna ia era descambar para assuntos estritamente femininos, na extensão em que feminino é geralmente tomado pelos homens e mesmo pelas próprias humildes mulheres: como se mulher fizesse parte de uma comunidade fechada, à parte, e de certo modo segregada.²³

No *JB*, jornal em que não possuía a facilidade de se esconder por trás de uma máscara, de um pseudônimo, ela nega o fato. É entendível a negação, pois as colunas femininas nas décadas de 50 e 60 eram vistas como simplórias e não muito trabalhadas, serviam mais para entreter as mulheres, logo não seria bem visto que uma ficcionista como Clarice Lispector as escrevesse. Esse é um dos motivos por ter optado por usar pseudônimos.

Já na “conversa” com seus amigos em 76, a autora confessa, sem problemas, seu trabalho no *Diário da noite* e chega até a confundir o nome do jornal em que trabalhou. Segundo ela,

No *Diário da tarde* eu fazia uma página feminina, assinando como Ilka Soares, a atriz. Metade do dinheiro era para ela, metade era para mim. E

²³ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 108.

ela bem que gostava: o nome dela aparecia todos os dias e não tinha trabalho nenhum...²⁴

É interessante observar como Ilka Soares, ao comentar posteriormente sobre a coluna feminina, também confunde o nome do jornal. Ilka Soares afirma que

Em *O Jornal*, a Clarice Lispector escrevia para mim uma coluna feminina. Era do Roberto Dimes. Eu assinava porque a temática era moda, mas quem escrevia mesmo era a Clarice. Nós éramos vizinhas. Eu ia a sua casa e pedia mais ou menos o tema e ela me entregava depois. Apesar disso, nunca fomos amigas íntimas. Clarice tinha a sua vida, ganhava uma grana para escrever a coluna e eu ganhava um pouco também para assinar.²⁵

Apesar de se contradizerem quanto ao modo como ocorria o pagamento, as duas afirmam basicamente o mesmo, uma era paga para escrever e a outra para assinar. É claro que não é intenção minha afirmar que, apenas com esses depoimentos, tem-se certeza de que Clarice era *ghost writer* de Ilka Soares para o *Diário da noite*. Aparecida Maria Nunes já havia pesquisado e documentalmente provado que Clarice escreveu três colunas femininas ao todo.

Nas considerações de Mignolo sobre conversas, o autor pontua sobre como utiliza esse método baseado na conversa, ele afirma que:

Quando falo de conversas, não me refiro a declarações que possam ser gravadas, transcritas e usadas como documentos. Geralmente as conversas mais significativas foram comentários ocasionais, feitos de passagem, sobre um acontecimento, um livro, uma ideia, uma pessoa. São documentos que não podem ser transcritos, conhecimento que vem e vai, mas permanece na mente e altera um determinado argumento.²⁶

Constata-se, assim, que a ideia de conversa entre Lispector, Colasanti, Sant'anna e Salgueiro não se encaixa muito nessa reflexão de Mignolo, por isso aproximo a noção de conversa dele com a de Leonor Arfuch, pois acredito que elas possam ser complementares no que tange à produtividade para minha pesquisa, já

²⁴ SANT'ANNA; COLASANTI. *Com Clarice*, p. 209.

²⁵ SOARES *apud* ASSIS. *Ilka Soares: a bela da tela*, p. 228-229.

²⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, p. 12.

que Mignolo contribui com a ideia de um fazer acadêmico com base na conversa e Arfuch toma conversa por um lado mais midiático.

Dessa forma, trago à discussão o momento biográfico tratado por Arfuch, momento em que viriam à tona informações pessoais, o próprio *bios* dos participantes da conversa. Para ela “quase se poderia dizer que a aparição do momento biográfico é pouco menos do que inevitável, assim que se começa um intercâmbio pautado pelos tempos e modos da conversa”.²⁷ Nesse sentido, é claro que a vida de Clarice apareceria a partir do momento em que a entrevista transformou-se em conversa.

Quem nos revela que a entrevista tinha esse clima é Marina Colasanti. Em um comentário sobre como ela e Sant'anna organizaram o livro *Com Clarice*, explica que estavam reescutando a entrevista numa viagem de carro, assim ela comenta:

A voz de Clarice, tão familiar, indo conosco estrada afora, enquanto nos contava de sua infância no Recife, de fatos de sua vida, ou ria ou se perdia na conversa, embaralhada pelas lembranças que naquela tarde, protegida que estava pelo carinho circundante, transbordava sem ferir.²⁸

Concluo que, em meio a esse clima, um momento biográfico é basicamente inevitável e que revelar um segredinho não é de grande importância, já que Clarice se encontrava em meio de amigos em uma conversa. O ambiente, destaco, é bem mais propício a isso do que uma crônica no *Jornal do Brasil*, neste haveria a espera pela reação dos leitores ou apenas pelo seu julgamento, já numa conversa se está protegido pelos laços da amizade.

²⁷ ARFUCH. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, p. 170.

²⁸ SANT'ANNA; COLASANTI. *Com Clarice*, p. 30.

1.3 – Entre agonismos e fraternidades: as amizades das colunas femininas

Por Clarice Lispector utilizar textos de outras escritoras para compor suas colunas e precisar criar uma proximidade com seu público, a leitura desses textos, ao considerar as amizades, se torna produtivo. Por isso, nesta seção, buscarei delimitar uma noção de amizade que direcionará minha leitura. As discussões estarão centradas nos apontamentos de Francisco Ortega e Jacques Derrida.

Em comentário sobre hospitalidade, Francisco Ortega faz o seguinte questionamento: “Como criar uma relação de hospitalidade que não seja imposta como assimilação ou aculturação, mas que também não seja simplesmente a ocupação de meu espaço pelo outro?”²⁹ Trazendo tal pergunta para o campo da amizade, é interessante notar a preocupação em manter viva a possibilidade de diferenças numa relação afetiva.

Sem que um amigo acabe se tornando o outro, a assimilação ou neutralização do amigo seria perigosa, visto que uma amizade apenas pautada em concordâncias não seria tão produtiva. Ortega afirma que:

O amigo aparece nos discursos da amizade na figura do irmão. A amizade democrática constitui-se a partir de Aristóteles – que iguala a amizade entre irmãos à democracia – como um processo de fraternização: amizade é, em princípio, democrática por ser fraternal.³⁰

A relação entre amizade e fraternidade limita a própria amizade, por isso Ortega e Derrida buscarão desvincular essas noções. Uma vez que na discordância, na amizade agônica, é possível colocar o amigo em movimento, contribuindo para que ele pense ou repense o lugar que ocupa. Isso ocorre, como demonstrarei,

²⁹ ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 19.

³⁰ ORTEGA. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault, p. 60.

quando Lispector dá conselhos a suas leitoras ou utiliza suas próprias amigas (Woolf, Beauvoir e Mansfield) para dá-los.

Ortega afirma ainda que “No século XVIII, a amizade ainda está ligada ao público ou, mais exatamente, ocupa um lugar entre o público e o privado.”³¹ Posso ver resquícios desta visão ainda no século XX. Se a amizade tem um caráter mais público do que privado, logo as mulheres não fariam parte de sua prática. Os próprios temas abordados nas colunas femininas de Clarice Lispector são comprovação de minha afirmação, em razão de eles terem, em sua maioria, como base apenas o ambiente doméstico e os assuntos familiares.

O caráter político da amizade não é frequentemente abordado, não apenas nas colunas de Lispector como em outras da mesma época. Para Dulcília Buitoni, em *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, a seleção do que seria publicado nas colunas e revistas femininas da década de 60 era feita da seguinte forma:

Contos, culinária, psicologia, conselhos de beleza não são escolhidos por si; tudo o que vai dentro de uma revista está diretamente ligado ao produto (moda e maquiagem, por exemplo) ou serve de atrativo para que a revista seja comprada e com isso divulgue a publicidade nela contida. O conteúdo é, portanto, instrumental: serve a objetivos empresariais bem delimitados.³²

Nessa época o foco está no consumo, assim a preocupação com o conteúdo praticamente não existe. Desta forma, dificilmente uma leitora dessas produções encontraria algo que pudesse deslocá-la de seu lugar. Apesar disso, esse deslocamento acontece principalmente quando Lispector faz uso de suas amigas, como demonstrarei no capítulo terceiro.

Voltando à busca de uma noção de amizade. Jacques Derrida, em *Políticas da amizade*, afirma que o discurso acerca da boa amizade deveria “não ceder à

³¹ ORTEGA. *Genealogias da amizade*, p. 138.

³² BUITONI. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, p. 104.

proximidade, à identificação, à fusão ou à permutação entre tu e eu. Pôr aí, deixar antes aí, respeitar aí uma distância infinita.”³³ O que o filósofo chama de boa amizade, Ortega chamará de boa distância. Os dois termos contribuem para construir uma amizade que não se paute apenas na fraternidade, mas que seja capaz de criar um distanciamento visando a não assimilação do outro.

Nessa amizade há espaço para a diferença dos sujeitos, sem que um seja apenas a cópia do outro, assim há espaço para o embate de ideias. Ainda na esteira de Derrida:

A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade, e também a interrupção de toda a fusão ou confusão entre tu e eu. (...) A boa amizade não se distingue da má senão ao escapar a tudo quanto se acreditou reconhecer sob o mesmo nome de amizade.³⁴

A partir desses apontamentos, a boa amizade estaria mais ligada à má amizade do que a uma ideia geral do que seria amizade. Buscaria a diferenciação entre os dois sujeitos envolvidos, tendo em vista que na amizade fraterna os sujeitos se misturam demasiadamente, perdem o caráter individual, fundem-se em um. De acordo com Ortega:

A estratégia derridiana visa ao desmascaramento de todos os discursos filosóficos da amizade como discursos da fraternidade. Por que, no imaginário da amizade, que se define precisamente mediante um movimento de delimitação frente à família, aparecem sempre as metáforas familiares e fraternalistas?³⁵

Ortega pontua a preocupação de Derrida de fugir da metáfora familiar de amizade, uma vez que para o filósofo o próprio irmão nunca será exemplo de amizade fraterna. Dessa forma por que motivo a noção de amizade deveria trazer em seu bojo uma ideia fraternal? É na busca de enfraquecer tal ideia que os dois

³³ DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 76-77.

³⁴ DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 74.

³⁵ ORTEGA. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault, p. 67.

estudiosos vão encaminhar suas discussões, a fim de construir uma noção de amizade que esteja imbuída de um caráter político.

Em minha busca por uma noção de amizade, trago as contribuições de Ortega e Derrida sobre o assunto e sigo comentando-os, mas eles e eu usamos sempre o amigo no masculino. Contudo meu estudo se centraliza em amizades femininas, a maior parte das amizades que construirei será feminina, Lispector e suas leitoras, Lispector e suas amigas, Woolf, Mansfield e Beauvoir, além da própria Lispector com suas *personae*, Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares. Sobre a amizade flexionada no feminino, Derrida afirma:

(Talvez não tenham deixado passar isto: escrevemos e descrevemos os amigos no masculino, no neutro-masculino. Não vejam nisto uma distração ou lapso. Seria antes uma maneira laboriosa de escavar o sulco de uma questão. Por ela, para ela somos transportados desde o primeiro passo: o que é uma amiga? E a amiga de uma amiga? Por que é que as nossas filosofias e as nossas religiões, a nossa cultura reconhecem tão pouco direito irreduzível, de significação própria e aguda a uma tal gramática? (...))³⁶

Uma das possíveis razões dessa problemática pode ser a apontada anteriormente por Ortega. Para ele, a amizade está relacionada ao ambiente público, as mulheres ficaram por muito tempo restritas apenas ao ambiente privado, presas aos afazeres da casa. Ao que parece, as leitoras das colunas femininas de Lispector também estariam mais ligadas aos ambientes privados do que aos públicos. Posso comprovar tal afirmação por meio dos temas mais abordados nas colunas: as dicas de culinária, conselhos de como educar os filhos e o relacionamento com o marido.

Às vezes, Lispector foge desse discurso sobre as mulheres, ao fazer comentários sobre elas e o mercado de trabalho. Destaco que a autora sabia que eram poucas as mulheres que trabalhavam fora de casa nessa época, em 1944

³⁶ DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 68.

quando começa a trabalhar no jornal *A noite*, vê isso claramente, pois é a única mulher da redação.³⁷ Sobre esse assunto Ortega pontua:

Um exemplo significativo é o *status* das amizades femininas. Derrida constata, com razão, como os discursos de amizade são discursos homoeróticos, que realizam uma dupla exclusão do feminino (amizades heterossexuais e amizades entre mulheres).³⁸

A partir disso, a dupla exclusão se daria pelo motivo de não existir a possibilidade de amizade entre homens e mulheres, como também a amizade entre mulheres era desencorajada e até vista como perigosa. A mulher não podia buscar apoio em pessoas fora da família, pois nela era oferecido tudo o que as mulheres precisavam. Tal relação será posteriormente mais explorada.

Outra característica da amizade apresentada por Derrida é a presença do amigo mesmo em sua ausência, a presentificação do amigo morto. Aproximo o que o autor afirma sobre memória a essa presentificação ocasionada pela amizade. Assim ele comenta “(...) o que dizer da memória que guarda o nome e não o lembra na presença de um presente e fica lá escondida em segredo, sepultada, aguardando que repentinamente ela seja lembrada e narrada.”³⁹ Dessa forma, quando narra/comenta os textos das amigas, Lispector torna-as, presentes, o que estava guardado, sepultado entra de novo em cena. Pensamentos e ideias defendidas anteriormente são avivados no presente e por isso recebem nova significação.

Ortega apresenta outras duas formas de se manter os amigos mortos presentes. Segundo o estudioso, “Os monumentos aos mortos em combate teriam a função de representar e evocar sua sobrevivência na memória dos vivos. Ou seja, um papel semelhante ao desempenhado pelo epitáfio no discurso da amizade (...).”⁴⁰

³⁷ Cf. NUNES. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, p. 64.

³⁸ ORTEGA. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault, p. 59.

³⁹ AMARAL. “Sobre a memória em Jacques Derrida”, p. 32.

⁴⁰ ORTEGA. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault, p. 74.

Sendo assim, é possível entender a citação que Lispector faz das amigas como a construção de um monumento a fim de dar-lhes sobrevida, da mesma forma minha dissertação pode ser tomada como monumento, ao visar manter as colunas femininas de Clarice Lispector atuais e relevantes.

1.4 – A assinatura, os espectros e o reaparecimento de Terezas, Helens, Ilkas e Clarices

A questão da assinatura se faz importante em minha dissertação, uma vez que Lispector não assinou as colunas femininas que escreveu. Disfarçou-se com pseudônimos, Tereza Quadros e Helen Palmer, e foi *ghost writer* de Ilka Soares. Para discutir sobre tal temática, terei como base os estudos de Geoffrey Bennington e Jacques Derrida. Inicio a discussão com um comentário em que Bennington questiona o poder da assinatura:

Não se vê, frequentemente, por exemplo, a assinatura manuscrita do autor em um livro impresso, como este. Mas, supõe-se, e todo o código dos direitos autorais depende disso em sua complexidade aberrante e fascinante (OS, 229-31), que existia em algum lugar uma verdadeira assinatura manuscrita (em um contrato do editor, por exemplo) que pode ser relacionada de modo contínuo e seguro com o nome do autor impresso na capa do livro. Uma tal assinatura supostamente garantiria a enunciação do texto, ligando-o a uma instância unificada de emissão, e garantiria, além disso, o que se chama, de forma bastante imprecisa, a originalidade do texto.⁴¹

O autor sugere uma desconfiança da assinatura sob duas formas, a assinatura pode não estar ligada a apenas um sujeito, ela pode não representar uma pessoa apenas, e não daria ao texto uma carga de originalidade. Dessa forma, a assinatura por si só não seria suficiente para ter a certeza de sua autoria. Não necessariamente devo ligar a assinatura de um livro com o sujeito que porta aquele

⁴¹ BENNINGTON *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*, p. 241.

nome. Bennington apresenta a contra-assinatura como item que dá crédito à assinatura:

Segue-se que toda assinatura só é uma assinatura se reclamar ou prometer uma contra-assinatura. Derrida cita o exemplo dos *traveller's cheques*, que são assinados uma primeira vez antes da viagem, mas que devem ser contra-assinados à chegada para que se possa receber o dinheiro, a validade dessa contra-assinatura estando garantida por sua semelhança com a assinatura "original". Para apressar a demonstração, digamos, a partir de agora, que toda assinatura não passa de uma promessa de contra-assinatura, mas que toda contra-assinatura permanece submetida à mesma estrutura de princípio. Daí a relação com a morte, que será descrita aqui como interrupção de uma capacidade de assinar, o que confere à última assinatura uma importância capital em todas as cenas de herança e de tradição a que será preciso seguir mais adiante.⁴²

A partir do exemplo de Derrida, é possível afirmar a grande importância da contra-assinatura, além de que com a possibilidade de morte a contra-assinatura ganha mais força, uma vez que a assinatura já não seria mais possível, contudo a contra-assinatura sim. Apenas na comparação das duas assinaturas seria possível chegar a uma certeza da legitimidade de uma assinatura. É produtivo pensar a contra-assinatura como leitura, principalmente ao relacionar tais comentários com as colunas femininas de Clarice Lispector e o modo como as colunas foram assinadas e contra-assinadas.

Posso afirmar que as colunas foram assinadas por Tereza, Helen e Ilka. Tais assinaturas foram contra-assinadas pelas leitoras e pela sociedade brasileira por anos. Acreditava-se, então, na existência dessas mulheres, principalmente em relação a Ilka Soares que existia de fato. Aparecida Maria Nunes, em seus estudos, coloca essas assinaturas sob suspeita, a leitura que faz das colunas não lhe possibilita contra-assiná-las. Posto que desconfia que Clarice Lispector estaria por detrás dessas produções. Nunes comprova em *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas* que as colunas femininas de Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares foram escritas por Lispector. A partir desse momento a contra-

⁴² BENNINGTON *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*, p. 248.

assinatura que foi dada a esses textos se desfaz, eles passam a ser contra-assinados ou lidos como de Clarice Lispector. A assinatura deles passa a ser conferida a Lispector, o que no momento de suas produções Clarice tentou evitar. Assim à revelia da própria escritora, ela passa assinar tais produções. Esse fato demonstra que a força da contra-assinatura pode mudar uma assinatura primeira, do modo como acontece com os *treveller's cheques*, exemplo explicado por Derrida.

Outro momento em que a força da contra-assinatura aparece na vida de Lispector ocorreu no ano de 1953. Um ano após sua primeira experiência com colunas femininas. Clarice inicia uma negociação para escrever para a revista *Manchete*. Em conversa por carta com Sabino explica que não gostaria de assinar os textos. A autora propõe então reavivar Tereza Quadros que teve vida curta no *Comício*. Na carta Lispector pergunta ao amigo:

É mesmo impossível ressuscitar Tereza Quadros? Ela é muito melhor do que eu, sinceramente: a revista ganharia muito mais com ela – ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim.⁴³

Não querendo assinar mais uma vez seus textos, Lispector destaca as qualidades de Tereza Quadros. Destaco que a autora descreve Tereza como ativa e até feminista, descrição que pode se comprovar pela citação de Woolf em uma página feminina. Abordarei esse aspecto da página no capítulo três. Fernando Sabino responde à amiga, em carta de 10 de setembro de 1953, confirmando: “sei que fazem questão de seu nome – e foi nessa base que se conversou; na sei se você sabe que você tem um nome. (...) De qualquer maneira, se você insiste, posso tentar convencê-los – mas vai haver briga.”⁴⁴ Na afirmação de Sabino, noto que a contra-assinatura dos responsáveis pela revista *Manchete* provavelmente não aconteceria. O autor também destaca a importância do nome: Clarice Lispector. A

⁴³ SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 103.

⁴⁴ SABINO. *Cartas perto do coração*, p. 103.

partir do momento em que o nome Clarice Lispector é relacionado com as colunas femininas, elas ganham mais importância e passam a merecer mais atenção.

Ainda na esteira de Bennington, passo a refletir sobre a rubrica nome e como ela se relaciona com as colunas femininas. Para o estudioso:

Meu nome próprio me sobrevive. Depois de minha morte, ainda poderão me nomear e falar de mim. Como todo signo, “eu” inclusive, o nome próprio admite a possibilidade necessária de poder funcionar em minha ausência, de destacar-se portador: e segundo a lógica que já é conhecida, deve-se poder portar esta ausência a um certo absoluto, a que chamamos morte.⁴⁵

A cultura brasileira continua falando sobre Clarice Lispector, mesmo depois de tanto tempo de sua morte. Seu nome ainda se mantém vivo na cultura, não tem a necessidade de seu portador para circular na cultura. Após a morte da escritora seu nome é vinculado a diferentes produções, como a *Correio feminino*, *Só para mulheres* e na série “Correio feminino”. Posso visualizar a força que o nome possui, pois mesmo com a ausência de seu portador ainda sobrevive. Em ensaio intitulado “Sobre a memória em Jacques Derrida”, Adriana Cörner Lopes do Amaral comenta:

Ter um nome é suportar essa possibilidade de repetição no futuro, referindo-se a um passado ainda não presente, e no qual se sabe que aquele que carrega o nome estará ausente e que quando isso ocorrer esse passado será o próprio presente feito da presença de quem cita e da ausência de quem é citado.⁴⁶

Assim, a repetição é natureza do nome, a repetição também possibilita a presentificação do sujeito mesmo em sua ausência, a presentificação do passado. Dessa forma, a retomada do nome significará a volta para o presente daquilo que ele nomeia. É o que acontece com Clarice Lispector, sua presentificação ocorre por meio de sua constante repetição, essa sobrevida lançada sobre Lispector nos últimos dez anos ocorreu e continua ocorrendo por meio de suas colunas femininas. As colunas femininas que a autora não quis assinar por considerá-las simples

⁴⁵ BENNINGTON *apud* BESSA-OLIVEIRA. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*, p. 238.

⁴⁶ AMARAL. “Sobre a memória em Jacques Derrida”, p. 32.

demais estão evitando o esquecimento da autora. Outra noção de Jacques Derrida que se relaciona com a fuga do esquecimento é a de espectro. De acordo com Anamaria Skinner em “Espectros de Marx: por que esse plural?”:

Por essa possibilidade de desdobramentos, tão ao gosto de Derrida, em *Espectros de Marx*, cada uma dessas identidades provisórias de Marx permanece como traço mesmo depois do desaparecimento de sua inscrição originária.⁴⁷

Ocorre, então, a permanência de um traço que não se apaga mesmo depois da morte. Assim Lispector ainda se faz atual por meio da presença de seu traço, nome na cultura brasileira. Há, como já apontei, a retomada do nome do morto, o discurso do epitáfio ganha força e impede uma noção de morte que tenha como base a finitude total. Sobre isso, Derrida afirma:

Tudo parece então concorrer, nesta possibilidade do discurso *post mortem*, que é também uma força, para esta *virtude* do elogio fúnebre: epitáfio ou oração, citação do morto, renome do nome depois da morte do que ele nomeia. Antecipadamente uma memória se compromete, a partir daquilo a que ainda se chama a vida, com esta estranha temporalidade aberta pela citação antecipada de alguma oração fúnebre.⁴⁸

A partir disso, entendo que a morte não é o fim, há sempre a possibilidade de retomar o morto, de lhe dar um mais de vida. Não só isso como o espectro desse sujeito pode retornar. Uma das noções de espectro, presente em *Espectros de Marx*: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional, refere-se a ideia que “O espectro é também, entre outras coisas, o que se imagina, o que se acredita ver e que é projetado: sobre uma tela imaginária, aí onde não há nada para se ver.”⁴⁹ Relacionando tal noção aos estudos claricianos, observo as diferentes possibilidades de fantasmas que podem emergir de toda produção de Lispector. Já que a cada novo trabalho acadêmico, a partir de Lispector, diferentes Clarices serão imaginadas, projetadas e criadas por meio da leitura de seus textos.

⁴⁷ SKINNER. “Espectros de Marx: por que esse plural?”, p. 69.

⁴⁸ DERRIDA. *Políticas da amizade*, p. 19.

⁴⁹ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*, p. 138.

Edgar C zar Nolasco discute a no o de espectro na produ o de Lispector, em ensaio intitulado “Clarice espectros”. De acordo com o estudioso, “(...) diríamos que os espectros de Clarice são também os dela própria, aqueles com os quais ela teve que conviver, que lidar, aqueles que a habitaram em vida, que apareceram e a fizeram ocupar-se deles.”⁵⁰ Nolasco pontua que Lispector teve também seus próprios espectros, com os quais precisou conviver, espectros que visitavam a autora. Sendo assim, posso afirmar que Lispector foi visitada pelas *personae* que criou para assinar as colunas femininas. Minha afirma o ficará mais clara e será melhor detalhada na se o “Uma receita de como escrever de Clarice Lispector” do capítulo desta disserta o.

Quero me deter nesta se o não nos espectros que habitaram a vida da autora, mas no espectro da escritora que tem visitado a cultura brasileira. Para isso detenho-me nas possíveis defini es de espectro apontadas por Derrida. O filósofo afirma que:

(...) o espectro pertence *ao* acontecimento, ele nos v  por ocasião de uma *visita*. Ele nos visita. Uma visita atrás da outra, visto que ele volta para nos ver, e que *visitare*, frequentativo de *visere* (ver, examinar, contemplar), traduz bem a recorrência ou a reapari o, a frequência de uma visita o.⁵¹

Derrida destaca a frequência e a continuidade das visitas dos espectros. Retomando mais uma vez os exemplos de Clarice Lispector, destaco as constantes visitas que Lispector tem efetuado, por meio de *Correio feminino* (2006), *Só para mulheres* (2008) e a série “Correio feminino” (2014). Derrida, ainda, pontua que tipo de visita seria essa:

Esta não se caracteriza sempre pelo momento de uma apari o generosa ou de uma visão amigável; pode significar inspe o severa ou perquisi o violenta. A persegui o conseqüente, a implacável *concatena o*. Ao modo

⁵⁰ NOLASCO. *Espectros de Clarice: uma homenagem*, p.11.

⁵¹ DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da d vida, o trabalho do luto e a nova internacional*, p. 138. Grifos do autor.

social da obsessão, seu estilo *original*, poderíamos chamar ainda, considerando essa repetição, a *frequentação*.⁵²

Dessa forma, a visita não seria nunca amigável, a repetição nesse caso levaria à obsessão. Seria Lispector obsecada ao empreender essa visita contínua, ou a sociedade brasileira estaria obsecada por Lispector por ela revisitar a escritora continuamente? Se o foco estiver na noção de espectro, é Lispector que visita, causando perturbação por onde passa com sua presença fantasmática. Se o foco recair na noção de arquivo, como ocorrerá no terceiro capítulo desta dissertação, é a sociedade brasileira que está obsecada pela escritora, devendo assim sempre falar dela.

Por fim, destaquei nesta seção como as questões em torno de assinatura, nome e espectro se relacionam com a atividade de colunista de páginas femininas de Lispector. Enfatizo que o que inicialmente foi apenas a mudança de assinatura de algumas colunas femininas, por meio dos apontamentos de Derrida, passou a ser uma forma de fuga do esquecimento. Uma vez que o nome de Lispector volta e continua retornando, numa frequentação que ainda hoje perturba, desloca a fortuna crítica da autora, e a própria cultura brasileira.

⁵² DERRIDA. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*, p. 138-139. Grifos do autor.

5. – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana Cörner Lopes do. “Sobre a memória em Jacques Derrida”. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSIS, Wagner de. *Ilka Soares: a bela da tela*. São Paulo, Imprensa oficial do estado de São Paulo, Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2005.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. *Clarice Lispector pintora: uma biopictografia*. São Paulo: Intermeios, 2013.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.

BUITONI, Dulcília Schoeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições: sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2008.

CLÜVER, Claus. “Inter textus / Inter artes / Inter media”. Tradução de Elcio Loureiro Cornelsen. REVISTA ALETRIA, Belo Horizonte, v. 14, p. 11-41, julho-dezembro, 2006. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357/1454>>. Acessado em 26 de julho de 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

CORACINI, Maria José R. F.. “A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida”. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 9-24 p.

DERRIDA, Jacques. “Derrida caça os fantasmas de Marx”. Entrevista a Betty Milan. Folha de São Paulo, 26 de junho de 1994.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Duramá, 2001.

DERRIDA, Jacques. *Políticas da amizade*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003.

DUARTE, André. "Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e tempo". In: NATUREZA HUMANA. São Paulo, v.4 n.1, p. 157-185, junho, 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n1/v4n1a05.pdf>> Acesso em 21 de janeiro de 2014.

FIGUEIREDO, Carlos Vinicius da Silva. *O direito ao grito: a hora do intelectual subalterno em Clarice Lispector*. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009.

GOTLIB, Nádia Battella. "Mais um doce veneno". In: NUNES. Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Editora Senac. São Paulo, 2006, p. 09-13.

GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2009.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. *Práticas discursivas: crenças, estratégias e estilo*. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*: Bernardo Carvalho, Fernando Vallejo, Washington Cucurto, João Gilberto Noll, César Aira, Silvano Santiago. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Correio feminino*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *Onde estivestes de noite*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *Só para mulheres*. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008.

LOPES, Denílson. *A delicadeza: estética experiência e paisagens*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

LOUVEL, Liliane. *Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem*. Organização de Márcia Arbex. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

MIGNOLO, Walter D. "Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (Editores). *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización em debates)*. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/critica/teoria/castro/mignolo.htm> s.p. Acesso em 15 de setembro de 2013.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MUCURY, Julliany. "Clarice nos jornais". In. SEMINÁRIO INTERNACIONAL CLARICE EM CENA 30 ANOS DEPOIS. 1. 2008. Brasília. ANAIS... Brasília: Petry gráfica & Editora, 2008. p. 163 – 170.

NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NASCIMENTO, Maria de Fátima do. "Benedito Nunes: o mundo de Clarice Lispector". In: XI Congresso Internacional da Abralic, 2008, São Paulo. Anais... Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/050/MARIA_NASCIMENTO.pdf> Acesso em 16 de setembro de 2012.

NOLASCO, Edgar César. (org.) *Espectros de Clarice: uma homenagem*. São Carlos: Pedro & João editores, 2007.

NOLASCO, Edgar César. "Políticas da crítica biográfica". In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 35-50 p.

NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2002.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector*. São Paulo: Annablume, 2004.

NOLASCO, Edgar. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Annablume, 2001.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivainha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ROCHA, Fátima Cristina Dias (org). *Cenas do Discurso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de; COLASANTI, Marina. *Com Clarice*. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento*. Tradução de Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SILVA, Willian Rolão Borges da. “(Des)arquivando as colunas femininas de Clarice Lispector” In. III Colóquio NECC - Entrelugares Pós-coloniais, 2014, Campo Grande – MS: 2014. p.1 - 11. CD-ROM.

SILVA, Willian Rolão Borges da. “Clarice Lispector e uma receita de como escrever”. In. NOLASCO, Edgar Cézár (org.). *O Objeto de desejo em tempo de pesquisa: Projetos críticos na Pós-graduação III*. São Carlos : Pedro & João Editores, 2012, v.1, p. 151-158.

SILVA, Willian Rolão Borges da. “Três máscaras de uma escritora” In. NOLASCO, Edgar Cézár (org.). *O objeto de desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos da pós-graduação II*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, v.1, p. 147-155.

SILVA, Willian Rolão Borges da; NOLASCO, Edgar Cézár. “Clarice Lispector: duas assinaturas e uma autora In. 2º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários 5º CIELLI - Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, 2012, Maringá. Anais... Disponível em: <http://anais2012.cielli.com.br/pdf_trabalhos/1541_arq_1.pdf>

SILVA, Willian Rolão Borges da; NOLASCO, Edgar. Cézár. “Clarice Lispector midiática”. In. RASCUNHOS CULTURAIS. v.1, Coxim – MS: Ed. UFMS, 2010, p.89 - 104.

SILVA, Willian Rolão Borges da; OLIVEIRA, Luiza. “Geléias e perseguições: uma história de doces e amargas lembranças - Resenha do livro Retratos antigos (esboços a serem ampliados) de Elisa Lispector”. In. CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: eixos periféricos. v.4, n. 8. Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2012, p.179 - 186.

SKINNER, Anamaria. “Espectros de Marx: por que esse plural?”. In: NASCIMENTO, Evando; GLENADEL, Paula (orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

SOUZA, Eneida Maria de. “Crítica biográfica, ainda”. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica. V. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 51-57 p.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios da crítica biográfica.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIEGAS, Ana Cláudia. “Com a palavra, o autor: exercícios de crítica biográfica na contemporaneidade”. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Crítica Biográfica. V. 2 n. 4 Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2010, 9-24 p.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu.* Trad. de Bia Nunes de Souza e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. “A dimensão trágica do conto ‘Amor’, de Clarice Lispector”. In: CERRADOS. Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura. *Literatura e Presença: Clarice Lispector.* Universidade de Brasília/ n° 24 / ano 16 / 2007, p. 49-60.